



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS -UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS- CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

A prática da benzeção: “Fé e ofício na busca da cura dos males do corpo e da alma”

Maria da Saúde de Souza Paiva¹

Mary Tânia Carvalho dos Santos²

Resumo: Neste artigo fazemos uma abordagem histórica e cultural da prática da benzeção no Bairro de Palmares em Parintins/AM. Com o objetivo de compreender como se dá a ocorrência desse ofício nos dias atuais naquela comunidade local. Trazemos as narrativas dessas práticas por meio de entrevistas com três agentes históricos (duas benzedoras e um benzedor), utilizando como técnica os procedimentos da História Oral, como forma de manter as interlocuções que propiciaram evidenciar a dinâmica das interações entre o grupo social que procura na referida prática a cura para os males do corpo e da alma. A contextualização do trabalho pautou-se no breve levantamento histórico-cultural da referida prática a qual vincula-se à cultura dos povos antigos que viveram na Amazônia em tempos idos, e que deixaram um legado de saberes considerados ancestrais como: o conhecimento de orações poderosas, de plantas, ervas e raízes que curam nesta região. Por fim, nossos resultados surpreendem na medida em que, as vozes dos próprios entrevistados narram a preocupação com o desaparecimento da prática pela morte de benzedoras e benzedores mais antigos sem manter continuidade com seus familiares mais jovens por motivos que vão desde o desinteresse no aprendizado da prática ou a não contemplação pelo “dom” até a diminuição da fé das pessoas, ocasionando a diminuição de seus seguidores.

Palavras-Chave: Prática de Benzeção, Benzedoras, Benzedores, Ofício.

¹ Graduanda em Licenciatura em História, do Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: saúde.paiva@gmail.com.

² Professora do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ CESP. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática REAMEC/UFMT- Polo UEA.

The practice of blessing: "Faith and office in the search of healing of the evils of body and soul"

Abstract: In this article we make a historical and cultural approach to the practice of blessing in the Palmares neighborhood in Parintins / AM. In order to understand how the occurrence of this office occurs in the current days in that local community. We bring the narratives of these practices through interviews with three historical agents (two benzedoiras and a benzedor), using as techniques Oral History procedures as a way of maintaining the interlocutions that propitiated to evidence the dynamics of the interactions between the social group that seeks in the This practice is a cure for the evils of body and soul. The contextualization of the work was based on the brief historical and cultural survey of the practice, which is linked to the culture of the ancient peoples who lived in the Amazon in the past and who left a legacy of knowledge considered ancestral knowledge of powerful prayers, of plants, herbs and roots that heal in this region. Finally, our results are surprising in that the voices of the interviewees themselves express their concern about the disappearance of the practice by the death of older benzedoiras and benzedores without continuity with their younger relatives for reasons ranging from the lack of interest in learning practice or the non-contemplation by the "gift" until the decrease of the faith of the people, causing the diminution of its followers.

Keywords: Practice of Benzeção, Benzedoiras, Benzedores, Craft.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma breve abordagem histórica e cultural da prática da benzeção o “benzimento” como ofício difundido através do saber popular³ realizado por “benzedeiras e benzedores”⁴, que utilizam determinados conhecimentos em ervas, plantas e raízes misturados à mediação da fé por meio de orações poderosas, com o propósito de cura para as mais diversas doenças do corpo e quiçá da alma. Destacamos a **“Fé e Ofício na busca da cura dos males do corpo e da alma”** sobre o olhar da História Cultural dialogando com a história local por meio da técnica da história oral⁵ que nos proporcionou a coleta de narrativas no contexto local onde residem as benzedeiras e benzedores, cuja atuação está situada no Bairro de Palmares em Parintins/Am./Brasil.

A escolha do bairro de Palmares não foi por acaso, deu-se por se tratar de um dos bairros mais antigos da cidade de Parintins e por concentrar um grande número de pessoas idosas detentoras de tais saberes e ainda, por ter em sua origem uma formação populacional multicultural oriunda de diferentes lugares do estado do Amazonas e do país.

Como já é difundido na literatura a benzeção é uma prática milenar, costuma ser associada à religião católica, especificamente ao catolicismo popular, e transmitida de geração a geração ou recebida como um “dom divino”. Seu caráter sagrado é evidenciado no gestual e/ou nas rezas das benzedeiras que visam curar doenças, males específicos do corpo e do espírito (SANTOS, 2007 e SILVA, 2009 *apud* HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012, p. 128). Tratamos aqui de benzedeiras e benzedores por ser uma prática que se dá não exclusivamente por mulheres, mas, por homens também detentores de tais saberes e práticas.

Em contexto mais amplo, além-mar por exemplo, especificamente no período da idade média na Europa, essa prática estava mais associada a mulheres idosas, que tinham uma

³ Definimos aqui saber popular na compreensão de Dickmann e Dickmann (2008, p. 70 *apud* KOVALSKI, OBARA e FIGUEIREDO, 2011, p.3), por estes trazerem uma explicação menos fechada e linear pois afirmam que: “o saber popular é entendido como aquele adquirido nas lutas, que não está escrito nos livros, aquele que é fruto das várias experiências vividas e convivas em tempos e espaços diversos na história do povo.”

⁴ “Benzedeiras/benedores como são chamadas por seus praticantes, atuam como intermediárias entre o ser humano e o sagrado, mesclando crenças e sincretismos através dos usos das plantas medicinais, remédios naturais, banhos e utilização de elementos indígenas, sendo associada ao catolicismo popular e transmitida entre gerações através da oralidade ou da atribuição de um dom divino” (AGUIAR, 2009; HOFFMANN-HOROCHOVSK, 2012; *apud* MEIRA, et al, 2015, p.2).

⁵ A História Oral nos proporciona o contato direto com as fontes. Conforme Meihy (1994, p....) ela é uma técnica que engloba um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e continua com a definição de pessoas a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e com a publicação dos resultados (...).

deficiência física, ou que viviam sozinhas (TRINDADE, 2013;). Eram chamadas de bruxas, e que detinham poderes capazes de influenciar a vida e até mesmo o clima das aldeias. Nesse período a religião era de domínio da igreja e somente ela detinha o poder de cura.

No Brasil, os benzedores surgiram a partir do “século XVII, no período colonial” (MEIRA, et al, 2015, p. 2), onde suas práticas eram mais acentuadas nas áreas rurais. Os benzimentos nasceram da fé simples dos moradores do interior que acreditavam nos poderes sagrados de padres, das benzedoras, dos rezadores de terço, incluindo as parteiras.

Apesar de antiga, a prática da benzeção ainda é bem atual nos dias de hoje e está presente no cotidiano de muitas pessoas, principalmente das classes pobres, onde a medicina oficial deixa lacunas, justamente em razão destes sujeitos não serem prioridade nas políticas de inclusão governamental. Tal parcialidade faz com que, problemas patológicos sejam tratados com medidas paliativas e ainda, a baixa cobertura da rede impede o acesso das pessoas à saúde pública.

Nesse sentido, nosso objetivo geral pautou-se em investigar de que maneira se dá a prática da benzeção atualmente em uma comunidade local considerando sua contextualização histórico/cultural, enquanto prática mantenedora de interação entre um grupo social que mantém vivo tais saberes. Para tanto, articulamos os seguintes objetivos específicos: Conhecer a prática da benzeção no seu contexto histórico/cultural, verificando suas origens ancestrais e sua permanência nos dias atuais; descrever a prática da benzeção no bairro de Palmares enfatizando nuances que destaquem a prática como fé e ofício na busca da cura de determinados males.

No transcurso metodológico, os olhares voltaram-se para as técnicas de coleta de dados como forma de registrar a história narrada pelos benzedores e benzedoras selecionados no bairro de Palmares. Nesse sentido optou-se pela História Oral utilizando-a como técnica de entrevistas, para tanto, foi solicitado que os colaboradores narrassem suas histórias como praticantes dos seus ofícios, de uma forma livre e com pouca interrupção da entrevistadora.

Para Portelli (1997), a história oral dá a possibilidade aos entrevistados reconhecerem-se por meio de suas narrativas na medida em que narram uma sequência histórica que os possibilita situarem-se no contexto em que vivem. Nesse sentido:

A história oral é uma história do tempo presente, pois implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de História, mas, mais do que isto, ela garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem (p. 2).

Esse modo de coletar histórias através da oralidade em nosso trabalho, se justifica, na medida em que nos permitiu ouvir e registrar tais narrativas pois, aqueles entrevistados discorreram sobre suas vidas e ofícios. E durante as idas a campo fomos amadurecendo o contato como estes colaboradores os quais foram fornecendo o material que buscávamos enquanto fonte para as considerações aqui apresentadas.

Essa técnica permitiu ainda, compreender como estes benzedores e benzedoras situam suas narrativas frente ao seu fazer, frente a reação de pessoas que utilizam essa prática e, de que maneira se dá a busca da cura por meio da benzeção em uma comunidade, considerando o contexto histórico/cultural daquelas. Nesse percurso tentamos sempre enfatizar a prática como fé e ofício frente a nossos colaboradores pois, dessa forma acreditávamos que aqueles narrariam as circunstâncias que mais motivam as pessoas a recorrerem a estes na busca da cura de determinados males do corpo e da alma.

Assim, para as entrevistas, selecionamos três colaboradores (os mais acessíveis em nossa busca), sendo 2 mulheres e 1 homem residentes no bairro de Palmares. O material utilizado para gravar a narração dos entrevistados foi um aparelho de celular e igual utilizado para captar algumas imagens para ilustrar o presente trabalho. As entrevistas foram agendadas e realizadas entre os dias 27 a 29 de abril de 2018, conforme a disponibilidade de cada um dos entrevistados.

Com as entrevistas realizadas, passamos a transcrevê-las para dar forma à narrativa das benzedoras e do benzedor, essa transcrição levou cerca de cinco dias. Por outro lado, lembramos que conseguir as entrevistas não fora tarefa difícil, difícil fora encontrar os benzedores disponíveis para colaborar com nosso trabalho, muitos se negam a dar entrevista por receio, medo e outros por que não gostam, ainda não se sentem confortáveis ficam desconfiadas.

Esclarecemos, no entanto, que no campo cultural, a prática de benzeção faz parte de um conjunto de saberes populares incorporados a cultura popular.⁶ O estudo sobre o tema é de fundamental importância pois, busca estudar sobre o comportamento de um determinado grupo de pessoas em relação a uma cultura, como agem, suas crenças e seus significados. É uma questão que envolve todo um contexto social, e que dá ênfase a interação de grupos sociais e a transmissão de novos conhecimentos. Por outro lado, enfatizamos que este olhar linear requer

⁶ Na visão tradicional, *cultura popular* consiste em todos os valores materiais e simbólicos (música, dança, festas, literatura, arte, moda, culinária, religião, lendas, superstições etc) produzidos pelos extratos inferiores, pelas camadas iletradas e mais baixas da sociedade (...). Notoriamente, a *cultura popular* representa um conjunto de saberes determinados pela interação dos indivíduos que reúnem elementos e tradições culturais os quais estão associados à linguagem popular e oral (DOMINGUES, 2011, p. 403).

uma reconstrução de certas representações conceituais que, aqui ali, estereotipam tais práticas e saberes, muitos destes forjados em contextos de dominação. Nesse sentido Pesavento (2012), dirá que no campo da história cultural há toda uma complexidade envolta sobre a forma como os homens expressam a si próprios e o mundo, nesse entendimento a autora afirmando que:

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da história cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar aquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados que o filtro do passado interpõe (p. 42).

Assim, o contexto da história cultural nos permite conhecer evidências da referida prática ao longo do tempo, sua resistência e fusão com outros saberes oriundos dos mais diversos continentes, haja vista ser uma prática ancestral que mantem-se viva até os dias atuais.

É importante ressaltar que durante nossas pesquisas constatou-se que existem algumas produções científicas abordando a temática da benzeção/benedura/benedores de Parintins nas mais diversas plataformas científicas, e isso é surpreendente, porque nos faz pensar que estes pesquisadores se preocupam em conhecer esta prática em nosso município. Nesse sentido nosso trabalho evidencia essa tradição cultural na comunidade do bairro de Palmares enquanto alternativa para a cura de males do corpo e da alma, em meio a outras indagações presentes naquele momento das entrevistas.

1- A benzeção: “fé e ofício” nas interlocuções intelectuais

A prática da benzeção desde os primórdios nunca foi bem quista pelos chamados “intelectuais”, e ainda hoje caminha em uma via de mão dupla e, por muitos anos essa prática viveu na obscuridade das camadas mais pobres da sociedade resistindo ao tempo e a modernidade.

Essa rivalidade como a própria história mostra sempre existiu e hoje ainda não é diferente. Nos meios intelectuais é considerada uma prática subalterna à medicina oficial e que pode trazer prejuízo à saúde do paciente. Em trabalho publicado por França (2002, p. 75) ele afirma que “existem médicos que insistem em chamar as práticas não-convencionais de saúde, de charlatanismo ou de doença mental.” Tal afirmação é confirmada pelo psiquiatra presidente da Associação Internacional Transpessoal, Stanislav Grof, em que expõe que a espiritualidade

era, e ainda é considerada como superstição, expressão do pensamento mágico primitivo e sinal de pouca instrução.

Segundo Streck (2005; *apud* BORGES, 2008, p. 245-246), em um trecho de um estudo recente que reuniu artigos sobre a história social das artes de cura no Brasil, entre os séculos XVII e XX, mostra que existiu um conflituoso processo de implantação da medicina científica no país, pois havia uma acirrada oposição entre os médicos e curandeiros. Os médicos defendiam veementemente a implantação de sua prática, e assim os discursos eram unânimes em demonstrar as vantagens da medicina científica sobre o saber empírico dos curandeiros, inclusive declarando guerra a homeopatas e curandeiros, exigindo das autoridades da época fiscalização dos curandeiros, sobre suas licenças e os diplomas.

Nessa nova conjuntura, os estudiosos começam a olhar esta prática uma alternativa, não de forma complementar, mas de apoio à promoção da saúde da população, isso com base em experiências e diversos estudos que apontam que a medicina popular praticada por benzedeiros, curandeiros, rezadores entre outros, vem ajudando, principalmente a população de menor poder aquisitivo a solucionar problemas de saúde.

Seguindo essa tendência mundial, o Brasil, através do Ministério da Saúde (MS)⁷, incorporou os saberes populares a duas políticas do Governo Federal: a política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos considera "o valioso conhecimento tradicional associado ao uso de plantas medicinais" capaz de ajudar na qualidade de vida da população e, na política nacional de práticas integrativas complementares em saúde, que visa integrar a medicina tradicional e terapias alternativas, onde estão novamente as plantas medicinais.

No campo espiritual, que envolve a relação da fé e da cura no processo saúde-doença, o antropólogo e neurocientista, Dr. Sérgio Felipe de Oliveira⁸, especialista em medicina e espiritualidade, afirma que "(...) a OMS já admite a questão espiritual e existe muitos estudos sobre espiritualidade na prática clínica". Esse relato comprova que cada vez mais médicos, cientistas e intelectuais estão reconhecendo que a fé pode influenciar na cura do paciente e que aquela visão do passado já não é tão conflituosa como antes.

Por fim, é relevante destacar que, estes avanços são mediados pela resistência de um povo que manteve vivo um saber multitemporal. Haja vista ser um processo histórico/cultural

⁷ Decreto n. 5.813, de 22 de junho de 2006, aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências.

⁸ MARTINS, Helen. Trecho capturado do programa Globo Rural, da Rede Globo, da edição que foi ao ar no dia 05 de novembro de 2017, reportagem de Helen Martins, que apresentou uma matéria sobre "Sabedoria antiga dos benzedores e plantas medicinais, orações e fé". A edição na íntegra encontra-se disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2017/11/sabedoria-antiga-dos-benedores-une-plantas-medicinais-oracoes-e-fe.html>>.

heterogêneo e, historicamente a benzeção sempre fez parte da cultura de uma parte da população, a mais pobre, praticada muitas vezes na invisibilidade destas camadas, a prática atravessou continentes acompanhando o caminho dos colonizadores europeus, chegando ao Brasil mesclou-se com outros saberes locais de diversos povos aqui residentes.

2- A prática da benzeção no bairro de Palmares: “Fé e Ofício na busca da cura dos males do corpo e da alma”

Nesta seção trazemos nossa inquietação quanto a “prática da benzeção ou ausência dela” frente a perda um agente histórico (uma benzedeira) que residiu no bairro de Palmares tendo a benzeção como ofício, muito solícita pelos moradores daquela comunidade e, muitas vezes somente ela conseguia resolver determinada situação relacionada a doenças principalmente de crianças, “dos pequenos” como ela chamava, minha família costumava procurá-la sempre que um dos “pequenos” apresentava “quebranto” ou “vômito.”

Tratamos inicialmente de uma pessoa muito querida que nos deixou no dia 14 do mês de março deste ano, durante a elaboração desta pesquisa, não dando tempo àquela em colaborar com este trabalho. E, observando durante o ensino das despedidas, ouvi muitas pessoas queixando-se da falta que sua prática iria fazer, aqueles relatavam a quem recorrer para resolver os problemas de saúde dos “pequenos”, porque ali por perto não existia mais ninguém que benzesse e, que todos já estão morrendo. Foi nesse contexto histórico/cultural de perda que se consolidou a ideia de trabalhar a temática em questão.

A história da formação populacional do bairro de Palmares remonta ao final de 1950 e início de 1970 e está ligada ao fluxo migratório, demarcado por dois fatos, o aumento do latifúndio por parte dos pecuaristas e a *grande cheia de 1975*. O primeiro deu-se com a luta desigual entre o produtor de várzea/terra firme e o criador de gado sem cerca. O rebanho invadia e destruía as plantações, obrigando os agricultores venderem suas terras de várzea e de terra-firme.

O segundo, relacionado a enchente dos rios no ano de 1975, a enchente foi tão grande que obrigou as populações das áreas alagadas a migrar para Parintins. Esse grande contingente de pessoas fora abrigada em barracas do exército, distribuídas ao longo da pista do aeroporto (hoje perímetro do curral do Caprichoso ao Bumbódromo). Mesmo depois da vazão das águas, muitos desses(as) migrantes permaneceram ocupando a pista de aviação. A solução foi o prefeito Benedito de Jesus Azedo desapropriar uma grande extensão de terra do latifundiário/pecuarista Elias Assayag. Nesse local desapropriado, foram construídas várias

casas de palha, como todas foram dispostas perfiladas nos lotes demarcados, o local ganhou o apelido de Cohabam de palha⁹ onde foram instalados os primeiros ‘sem-teto’ da cidade (CORDEIRO, 2017). A criação do novo bairro foi marcada pela instalação de uma placa-outdoor no início do logradouro (hoje nesse local está situada a “praça da onça”) onde se podia ler: Bairro do Palmares.

E, assim começou a delinear-se um novo bairro, formado por habitantes oriundos das mais diversas comunidades rurais que constituem o município de Parintins, diferentes sujeitos, com determinados saberes que, repassaram para os seus parentes e outros que se encontram vivos até os dias de hoje. Em mapeamento realizado por Cordeiro (2017) foram localizados em Parintins,

a existência de uma rede invisibilizada de práticas ‘não oficiais’ de cura (...). Só no bairro de Palmares existem 32, dessas pessoas atuando nas mais diversas práticas, são pessoas comuns que a autora denominou de agentes populares de cura, entre os quais destacam-se os puxadores(as) de desmentidura, parteiras, costuradores(as) de carne rasgada, benzedores e benzedoiras, erveiros(as), curadores(as) e curadeiras e filho(a)s de santo (p. 54, 53, 49).

As estimativas acima mencionadas pela autora, incorporam um processo de fixação de sujeitos, saberes e experiências que se multiplicaram. Tornando-se uma ação intercontinental e interacional com enraizamento constitutivo de identidades. Essa fusão de saberes e conhecimentos populares transmitidos oralmente, permanecem vivos até hoje. Não é difícil encontrar pessoas da comunidade quem nunca procurou um benzedor, seus feitos e ofícios circulam nas rodas de conversas das mulheres das vizinhanças quando se reúnem em frente de suas casas para conversar e, vez ou outra, surge uma pergunta onde tem um bom benzedor?. Pois, logo uma diz estar precisando levar seu filho e assim de conversa em conversa, os benzedores e benzedoiras vão se tornando conhecidos da população e dessa forma legitimando sua identidade junto ao seu ofício (LOUREIRO, 2004).

Foi assim que aconteceu com a senhora Alzelina Tavares, dona Zezé como é conhecida na comunidade, uma aposentada de 68 anos, que desde os 14 anos de idade atua como benzedora no bairro, ela sempre morou nesse bairro e como ela mesmo conta:

⁹ Ver em Cordeiro (2017), expressão usada, segundo um dos interlocutores, para depreciar o pessoal *do interior*: “na cidade, naquela época, tavam levantando, em alvenaria, o primeiro conjunto habitacional da antiga COHAB, o Cohabam. Como as casas de palha do povo do interior foram construídas tudo enfileiradinha, uma na ilharga da outra, o pessoal chamava a gente de morador do cohabam de palha” (Seu Dedé, *puxador de desmentidura*, relatando a chegada da família em Parintins, entrevista realizada em 13/05/2014.) (p. 82).

Olha eu acho que essa história aí começou assim, após que eu comecei a me entender duns 14 a 15 anos, eu já vim com aquele dom de benzer né, aí as pessoas me procuravam como me procuram até agora pra benzer [...] a fé é que vale né, aí eu pegava, benzia, Graças à Deus todas as vezes que eu faço meus trabalho Jesus abençoa (Entrevista, 29/04/2108).

Como podemos constatar na narrativa de dona “Zezé” a benzeção e a fé são pontos centrais da cura, neste sentido a cura só acontece se o benzido tiver fé em Deus e que ele vai curar seus males. Associado a essa prática, destaca-se o processo religioso que se encontra presente no ofício das benzedadeiras, invocada através de suas rezas e dos santos, em que os benzedores acreditam ser os intermediadores da cura.

Podemos evidenciar semelhante crença na narrativa do senhor Valdenicio Simas, seu Vává como é conhecido, 52 anos, que atua como benzedor no bairro de Palmares desde os 27 anos de idade, porém desde os 8 anos já se sentia possuidor do dom de benzer. Seu Valdemar utiliza em suas orações santos da igreja católica como forma de serem os encarregados pela cura, como relata: “invoco vários santos, é só com reza de santo, São José, Nossa Senhora de Aparecida e Divino Espírito Santo.”

Outra entrevistada, a de Dona Onildes, 80 anos, aposentada, benze desde os 14 anos, em sua narrativa também se reforça tal crença:

Santo que invoca pra mim, o santo que mais, é só Deus mesmo, acho às vezes as Santas que chamo pelo nome delas nas minhas orações é o Pai Nosso, Credo em Deus Pai, pra cortar os mau-olhado tudinho, nada de macumba e só minhas orações simples que Deus me ensinou.

Entre os entrevistados acima podemos observar um ponto em comum, o uso de orações sagradas como instrumento de seu ofício, estas são repassadas por meio da oralidade. Nesse contexto cultural destes benzedores entrevistados detectamos que os mesmos não fazem uso de imagens de santos ou velas, terços e altares em suas nas residências, mas utilizam ramo de plantas para benzer.

Nesse sentido, buscamos compreender então qual seria o recurso utilizado além da oração para realizar um procedimento de cura. Seu Vavá afirma que: “para benzer quebranto eu uso a vassourinha, se não tiver a vassourinha eu uso um dente de alho.” Dona Zezé afirmou: “só uso as minhas mãos, às vezes eu uso pra matar o quebranto, sabe, o quê, uma folha de vassourinha, uma folha de pião roxo é que eu pego.

Com base nos trechos narrados pelas benzedadeiras e benzedor do bairro de Palmares, concordamos com Calheiros (2017, p. 5) quando afirma que:

Os benzedores e benzedoras detêm um vasto conhecimento de orações e preces. Em sua maioria apegam-se as imagens religiosas ligadas ao Catolicismo popular e à Igreja Católica como: Jesus Cristo, Papa João Paulo II, São Jorge, Padre Cícero, Nossa Senhora Aparecida, Frei Damião, Santa Terezinha, Santa Luzia, Santo Onofre, entre outros

Por outro lado, o uso de plantas com fins medicinais é herança dos povos antigos que as utilizavam para os mais diversos tipos de cura e que repassaram esses saberes através da oralidade e do manuseio de inúmeras destas plantas domesticadas para estas gerações do presente como forma de uma continuidade ancestral.

Segundo Kovalski, Obara e Figueiredo (2011, p. 2),

ao longo dos tempos, o conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais foi repassado de geração a geração, sendo que no presente, apesar da medicina moderna ter evoluído consideravelmente, para muitas pessoas, sobretudo, em países subdesenvolvidos, o uso de plantas é a principal forma de tratamento das doenças.

Muitas vezes, essas mesmas plantas utilizadas para benzer, também servem como remédios caseiros, como complemento do processo da cura. Dona Onildes, além de ensinar a fazer os remédios, ela também os prepara e dá para as pessoas que vão se benzer. Seu Vavá ensina chás para quebranto, conforme narra: “quebranto ficar bom, tem que fazer três chás, esses chá pega três guias de goiaba branca, três guias de caju branco e um pedacinho de alho e dá, se for criança de 0 a 6 meses [...] dá três vezes.”

Segundo Ribeiro, Costa e Fonseca (2013) a Amazônia sempre foi uma região muito rica em seus aspectos culturais materiais e imateriais, com uma grande diversidade de conhecimentos e saberes populares deixados pelos povos que habitaram essa região, esse grande legado foi fundamental para a enriquecer a prática da benzeção, como o conhecimento sobre utilização de ervas para fins de cura, pois através da História Oral transmitida de geração a geração, esses conhecimentos e saberes populares foram incorporados às práticas de cura populares dando grande contribuição a sua sobrevivência. Oliveira (2007, p. 94) complementa esta informação afirmando que,

os conhecimentos sobre as terapêuticas medicinais e as plantas incorporam, às tradições herdadas dos contatos intertribais e interétnicos, os saberes e as técnicas medicinais europeias, bem como conhecimentos oriundos de tradições afro-brasileiras que, envolvem outros aspectos culturais e religiosos e que são utilizados para curar várias doenças do corpo e da alma.

Para os entrevistados deste trabalho quando perguntados sobre as principais doenças que levam as pessoas a lhes procurarem, obtivemos a seguinte resposta:

São, quebranto, desmentidura, mal olhado, izipla, espinha de peixe, [e, conforme relata dona Zezé]: o que eles mais procuram pra benzer é o quebranto, muito mesmo em criança, quando a criança tá assim aborrecida, eles trazem pra mim rezar, inclusive aqui pra trás [se referindo aos vizinhos que moram próximos de sua casa] eu tenho um bocado de criança. [O mesmo acontece com o senhor Vavá que relata que:] o quebranto é mais procurado pelas mães para benzer seus filhos [e com dona Onildes que relata] benzer izipla e espinha.

Essas pessoas que procuram os serviços dos benzedores e benzedoras, na sua grande maioria são pessoas da própria comunidade, pessoas que muitas vezes procuram primeiramente um benzedor, por acreditaram no poder de sua fé, outras vezes procuram os benzedores quando não conseguiram obter a cura nos meios oficiais de saúde. Ratificando esse fato, seu Vavá, afirma que,

pessoas que mais procuram são pessoas da nossa comunidade, [e relata ainda:] várias pessoas já foram no hospital, saíram do hospital e vieram me procurar, ainda digo assim, gente vocês já vieram do hospital, mas me disseram que o senhor, eu! quem tem que curar é aquele lá de cima.

Para Trindade (2013 p. 124) “muitas mães afirmam serem ‘ralhadas’ pelos médicos por optarem primeiramente por buscar solução de promoção de saúde em benzedores e não em uma instituição médica oficial.” De igual modo, tal procura ocorre também com a dona Zezé que relata ser procurada por muitas pessoas que a procuram depois de já ter ido ao hospital e não terem conseguido a cura para suas doenças: “criança já foram ao médico, voltaram do médico com alta febre, febre, febre que não tem cura, lá vem pra cá pra puxar e se sente bem porque muitas vezes é uma dismintidura, e o médico não cura dismintidura né.”

Relata ainda um acontecimento que a pessoa já tinha procurado o médico e não conseguiu ficar curada:

Que eu abaixo de Deus dei a saúde daquela [nome do cliente] que mora lá na ... que era enfermeira lá no Padre Colombo, um vez dismintiu todo ela, uma vez ela foi pra Vila Amazônia, ela sofreu, que vê vocês converso até com ela, ela vai contar pra vocês a história dela mana, dois pegadores de dismintidura, aí quando ela estava nos dois e já ia interar os três, os quatro, que ela vinha andando, ela vinha de Juruti, passou pela Vila, disseram - tem um homem que cura muito bem aqui, levaram ela lá, acho que ele dismintiu tudo ela, ela chegou pra cá todo desmintida e aí passou os dias eu num sabia, que quando foi num dia de manhã cedo, eu levantei, sempre acordo cedo, aí eu vi o filho dela tá aí na porta batendo, ai! eu vim aqui com a senhora pra senhora ir lá com a mamãe que ela tá quase batendo as botas, mas num brinca menino?, eu fui com ele, menina, quando cheguei lá, eu fiquei com medo, ela não deitava nem na cama, tava tesa seguro assim por outra pessoa, ela não podia deitar nem respirar, aí mana,

olha, eu cheguei lá, coloquei essa pessoa na cama, ela não podia se deitar, mandei arriare ela bem divagazinho no travesseiro bem divagarzinho e ela gritava, gritava, gritava, minha irmãzinha, os ossos daquela mulher tava todo descolado, mana que você amassava que fazia tá tá tá tá, igual quem amassa assim uma coisa pra quebrar tá, ai mana, não te digo nada, esta mulher passou, ela não tomava, ela disse que ela não tomava nem uma gota de água, tava pra morrer, aí puxei, olha [fala o nome do entrevistador] não demorou, aí eu puxei ela, mandei ela, ela sentou por ela mesmo, pediu um copo de água ela tomou, aí ela disse- que ela é minha cumadre - a! cumadre eu acho que agora eu estou boa, eu disse bem, ela disse é certo mesmo, não podia me mexer, não podia sentar, pegar nada, depois deu puxar aquela mulher ela andou pela casa dela, ela foi vê o café pra ela tomar, aí ela disse: agora eu sei que tou boa, olha! Aí o que foi que ela fez assim, olha, eu agradeço a Deus em primeiro lugar e a Senhora, porque se não fosse a senhora, eu tinha morrido (ALZELINA TAVARES, entrevista 29/04/2018).

Outra entrevistada, dona Onildes, relata que curou a filha da sua vizinha, assim o fato ocorreu:

Olha aqui a filha da vizinha dona Bebé, a filha dela estava para morrer, ela gritava, gritava, aí eu fui, minha vizinha né, eu fui, a menina pegou ramo de ar, aquela doença que dá em criança né, aí eu peguei a menina, peguei ela, tirei da rede, que tava na rede, aí peguei ela tava dismintida, pegou doença na dismintidura dela, aí eu botei a dismintidura no lugar, aí eu vim aqui [refere a sua casa] fiz remédio pra ela levei pra ela, ficou boa a menina e assim né as coisa.

Tais narrativas evidenciam que muitas vezes as pessoas não costumam procurar primeiramente os médicos pois temem não conseguir que os mesmos resolvam seus problemas de saúde. Assim, a prática da benzeção passa a atuar em outros campos da vida que não se limita apenas ao corpo físico, mas também aos males que afligem a alma, com o povo diz, do espírito, como por exemplo: o mau-olhado, tirar panema¹⁰, encosto, por fim nos desentendimentos, dá sorte nos novos negócios, aborrecimentos, entre outros. Muitas dessas aflições estão relacionadas a fatores psicológicos, sociais e emocionais, que somados a outros problemas acabam por tornarem-se patológicos, que para a medicina oficial estão inseridos no campo da saúde mental (CORDEIRO, 2017).

Dessa forma evidencia-se que os males da alma, assim como os do corpo também levam as pessoas a procurarem os benzedores. Nota-se que essa prática busca promover o bem-estar do corpo e da alma.

Outro fato interessante que nos foi relatado, é que as pessoas ao chegarem ao benzedor ou benzedeira, buscam a confirmação do diagnóstico inicial e o tratamento, como afirma o seu

¹⁰ Segundo Cordeiro (2017, p. 27), *panema* diz-se de pessoa sem sorte na pesca e/ou na caça. Outro conceito para esse termo é descrito por Trindade (2013, p. 162, *apud* GALVÃO, 1976, p. 81), diz-se de má sorte, desgraça, infelicidade.

Vavá: “as pessoas querem saber o que é e quantos dias vai levar, em quanto tempo vão ficar bom, quantos dias leva um quebranto.” Uma das habilidades mais importantes esperada pelos sujeitos que recorrem às práticas de cura dos benzedores é a previsão, por exemplo, se a doença é para médico ou para benzedor, como relata seu Vavá e dona Zezé:

Fico triste quando não consigo assim mediamente fazer uma pessoa feliz, indico quando não pode resolver, por exemplo: o osso quando tá quebrado, isso não é desmentidura, vão lá no médico, bate um Raio-X. [O mesmo acontece com a dona Zezé:] tem gente que, há eu trouxe pra senhora benzer, e querem que eu saiba o que o filho tem com a minha oração, eles querem que eu saiba, aí eu rezo, ensino um remédio.

Enfatizando esse contexto, Cordeiro (2017, p. 94) também descreve em sua pesquisa que:

Dependendo da situação (idade do paciente, grau de evolução da doença e forma como a adquiriu) e da capacidade dele(a), o(a) *benzedor ou benzeadeira, rezador ou rezadeira* afirma *se agarante* ou não *se agarante* de fazer o serviço. Se não *se agarrantir*, despacha (explica que não pode ajudar) a pessoa. Se *se agarrantir*, tem início o rito da *benzição*.

Neste contexto, o benzedor ou benzeadeira costuma aconselhar as pessoas que os procuram sobre o alcance dos seus serviços para os males procurados, caso não sejam capazes de resolver, informam àqueles a buscarem outros tipos de ajuda. Apesar da disposição de tempo com a execução do rito da benzeção, esses agentes históricos não costumam cobrar pelos seus serviços, conforme vemos nas narrativas de nossos entrevistados:

Olha minha irmã, as pessoas, eu não cobro, as pessoas que me dão alguma coisa, e eu fico, [...], não me importo se a pessoa me paga ou se não me pagar, minha coisa é que Deus faça com que essa pessoa fique boa, o que eu quero é que essa pessoa conte a história que eu faço, isso não é coisa por dinheiro, se fosse por dinheiro eu tava rica. O meu dom foi pra mim ajudar pessoas, (...), como diz a bíblia eu vim pra servir e não pra ser servido. As pessoas voltam pra agradecer, Graças à Deus que meu filho ficou bom (ALZELINA DA SILVA, entrevista 29/04/2018).

Outro entrevistado o Sr. Valdenicio também relata não cobra pelos seus serviços:

Não cobro pelos meus serviços, se a pessoa tiver de dá, dá, porque esse dom que Deus me deu não permiti ninguém cobrar, acho errado as pessoas que cobra, Deus deu esse dom pra gente pra ninguém cobrar, principalmente das pessoas que não tem. Se sente bem quando faz o bem, gosto de ver quando uma pessoa sai daqui dizendo poxa seu Vavá eu cheguei aqui doente e hoje eu estou saindo daqui feliz, e aí eu me sinto sabe, eu não quero que me agradeça, agradeça aquele lá de cima. Isso daí como tô dizendo, isso daí que a gente queira passar como se fosse uma escola, isso de benzeção só Deus, já traz na mente, cabeça, e nem um dos meus filhos sabe, não querem nem fazer o que

eu faço, não é pra qualquer um que Deus dá esse dom, ele escolhe as pessoas [quanto ao presente] o pessoal não tá mais acreditando, é algumas pessoas que ainda tenham fé nas coisas antigas né, agora é só médico (VALDENICIO SIMAS, entrevista 29/04/2018).

Nestas narrativas apresentam-se implícitas a existência de uma relação de confiança entre benzedor/benzedeira e o benzido confirmada no agradecimento do retorno, quando os entrevistados relatam que os pacientes voltam para agradecer. Durante esse breve contato com os entrevistados, observou-se a satisfação e felicidade expressos gestualmente em suas faces.

Observou-se ainda, que cada vez mais essa prática está sendo esquecida, o fato ocorre em razão das novas gerações não terem o interesse em aprender o ofício ou não lhe são concebidos o dom da benzeção, conforme afirma acima o senhor Vavá.

Para dona Onildes a prática da benzeção está acabando pela dificuldade em localizar um benzedor ou benzedeira, eram “muitas pessoas de primeiro, a gente chamava uma pessoa até pra pegar dismintidura, a gente pode andar atrás de pessoas que num se encontra, difícil né, benzer um quebranto, benzer ezipla, [...]” (Entrevista, 27/04/2018). Observa-se, portanto, nestas narrativas dos entrevistados, uma preocupação com o desaparecimento do ofício do benzedor, em parte causado pelo falecimento daqueles como também, ocasionado por desinteresse das novas gerações, tais fatos, vem ocasionando uma ruptura na continuidade desses saberes.

Hoffmann-Horochovskia (2012, p. 128, 129) apresenta outros fatores que também tem ocasionado tal ruptura. Para ele,

entre os fatores que ora interferem na continuidade da benzeção, estão: a urbanização, a universalização da saúde, o ingresso e permanência no mercado de trabalho, o crescimento de religiões evangélicas que geralmente condenam essa prática, o desinteresse pelas novas gerações em apreendê-la.

Partindo desses indicativos que já são evidenciados no próprio bairro de Palmares, cujo início deste trabalho se dá em contexto do falecimento de uma benzedeira muito conhecida, confirmamos que ainda assim, a prática da benzeção forma uma rede de comunicação informal, onde o marketing dos serviços do benzedor não é feito nas mídias especializadas, mas de forma informal, onde os favorecidos por este ofício repassam a outras pessoas os bons préstimos recebidos. Muitas vezes a fama do benzedor ou benzedeira atravessa os limites territoriais do bairro de Palmares e eles atendem a todos, inclusive segundo dona Zezé, ela costuma ir na casa do paciente quando solicitada, o mesmo acontece com o senhor Vavá.

Por fim, de todo esse contexto intermediado pela figura do benzedor/benzedeira, consideramos que esse ofício representa para a comunidade uma referência não só de cura, mas

de valores junto à comunidade. É interessante que, o fato de ouvir uma narração de uma benzedeira, transcende ao real pois, figura a subjetividade do indivíduo que está sendo entrevistado, reconstruindo-se acontecimentos passados e vivenciados por aqueles. O fato do contar e por meio dele constroem-se as histórias que passamos a registrar uma prática extremamente rica que faz parte da cultura e da história local. Conforme a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2012, p. 58).

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído e do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo.

Então pensar na importância das benzedeadas e benzedores e também pensar na contribuição destes agentes históricos que, há muito tempo, vem contribuindo para amenizar o sofrimento de outros, através das suas orações e fé manifestas no ofício do benzimento. De modo particular no Bairro de Palmares em Parintins/ Am., a história dos benzedores acompanha a própria história do município, uma vez que os mesmos são oriundos da ancestralidade do povo local com uma fusão de conhecimentos e saberes com outros povos de diferentes continentes, como foi o caso dos negros na época da colonização.

CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho foi escrever sobre a prática da benzeção no bairro de Palmares em Parintins AM. Nas pesquisas sobre o contexto histórico-cultural da prática da benzeção nessa comunidade, observou-se que a benzeção apresenta-se de forma significativa, no entanto, segundo os próprios entrevistados existe uma preocupação no desaparecimento da prática ou pelo menos uma certa diminuição de seus seguidores, por motivos que vão desde o desinteresse no aprendizado da prática ou a não contemplação pelo “dom” até a diminuição da fé das pessoas, pautadas muitas vezes no conceito da medicina oficial. Mesmo com essa interface negativa, a benzeção continua sendo uma alternativa que muitas pessoas buscam para curar os males do corpo e alma, e está disseminada principalmente entre as pessoas de baixa renda ou as que não encontram resolução dos seus problemas na medicina oficial.

É interessante ressaltar que o papel do benzedor na comunidade vai muito além do poder de cura, ele é uma espécie de “sabe-tudo”, por ser detentor de um saber especial, dessa forma torna-se uma referência na comunidade, tornando-se assim um agente responsável pela interação de um grupo social, trazendo mais legitimidade ao seu ofício.

Portanto, a prática da benzeção sempre foi e continua sendo uma forma de cura popular não oficial que trouxe e traz alívio para as mais diversas aflições patológicas ou não, remediando assim o sofrimento do corpo físico e do espírito, pautados na fé com o auxílio de plantas medicinais que juntamente com as rezas promovem a tão esperada cura.

REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

ALZELINA DA SILVA TAVARES, 68 anos, casada, aposentada, católica, natural de Parintins, benzedeira há 54 anos.

MARIA ONILDES PAIXÃO, 80 anos, aposentada, solteira, católica, natural do Andirá, área rural do município de Barreirinha, reside no bairro de Palmares há 27 anos, benzedeira há 66 anos.

VALDENICIO SIMAS DA SILVA, 52 anos, solteiro, autônomo, católico, natural da comunidade do Zé Açú área rural do município de Parintins, benzedor há 25 anos.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Moema da Silva, et al. **O modo de cuidar na benzeção**: saber popular e racionalidade divina. REME – Rev. Min. Enferm.;12(2): 241-248, abr./jun., 2008. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/264>>. Acesso em: 03 mar 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Decreto n. 5.813, de 22 de junho de 2006, aprova a **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências**. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/acoes-e-programas/programa-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicos-ppnmpf/politica-e-programa-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicos>>. Acesso em: 09 mar/ 2018.

CALHEIROS, karla Rachel Jarsen de Melo. **A cura através da fé**: um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas. In: IX Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio. Belo Horizonte/MG de 20 a 23/06/2017. Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/52335.pdf>>. Acesso em: 03 mar/ 2018.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **“A canoa da cura ninguém nunca rema só”**: o se ingerar e os processos de adoecer em curar em Parintins (AM). 2017. 282f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2017. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5759>>. Acesso em: 03 abr 2018.

DOMINGUES, Petrônio. **Cultura popular**: as construções de um conceito na produção historiográfica. História (São Paulo) v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a19v30n2.pdf>>. Acesso em: 03 mar 2018.

FRANÇA, E. E. **Crenças que promovem a saúde**: mapas de intuição e da linguagem de curas não-convencionais em Manaus, Amazonas. Manaus: Valer (Edições do Governo do Estado), 2002.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. **Velhas benzedeadas**. Mediações, Londrina, v. 17 n. 2, p. 126-140, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/14025/11836>>. Acesso em 20 fev 2018.

KOVALSKI, Mara Luciane; OBARA, Ana Tiyomi; FIGUEIREDO, Marcia Camilo. **Diálogo dos saberes**: o conhecimento científico e popular das plantas medicinais na escola. 2011, 13p. In: VIII ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, de 5 à 9/12/2011, na Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1647-1.pdf>>. Acesso em: 21 mai 2018.

LOUREIRO, Antonio José Souto. **História da medicina e das doenças no Amazonas**. Manaus: Gráfica Lorena, 2004.

MARTINS, Helen. **Sabedoria antiga dos benzedores une plantas medicinais, orações e fé**. Globo Rural [Rede Globo], 05/11/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2017/11/sabedoria-antiga-dos-benedores-une-plantas-medicinais-oracoes-e-fe.html>>. Acesso em: 26 mar 2018.

MEIRA, Ariadne Messalina Batista Meira, et al. **Ressignificando o lugar da velhice através da benzeção**: a valorização da tradição e do saber popular. In: 4º Congresso Internacional de Envelhecimento Humano de 21 a 26 de setembro de 2015, Anais CIEH (2015) – Vol. 2, N.1, 8 p. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD2_SA8_ID533_25072015111444.pdf>. Acesso em: 23 mar 2018.

MEYHY, José Carlos Sebe Bom. **Definindo história oral e memória**. Caderno CERU, n.5, série 2, São Paulo, 1994. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cerusp/article/view/83299/86330>>. Acesso em: 03 mar 2018.

OLIVEIRA, Oséias de; PADILHA, Milene Aparecida. **História, Memória e Benzimentos**. In: V Congresso Internacional de História, 21 a 23 set 2001. DOI:10.4025/5.PPHUEM.2006. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/279.pdf>>. Acesso em: 20 fev 2018.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. Proj. História, São Paulo, v.14, fev, 1997. p. 25-39. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>>. Acesso em: 23 mar 2018.

RIBEIRO, Idalva C.; COSTA, Jeferson M.; FONSECA, Joy S. **Plantas usadas nas práticas de cura por benzedores do bairro do Algodão, município de Abaetetuba, Pará**. In: 64º Congresso Nacional de Botânica, Belo Horizonte/MG, 10-15, nov/2013. Disponível em: <<http://www.botanica.org.br/trabalhos-cientificos/64CNBot/resumo-ins19807-id5743.pdf>>. Acesso em 20 fev 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. Ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2012.

TRINDADE, Denilson do Carmo. **As benzedoras de Parintins**: práticas, rezas e simpatias. 196 p. Manaus: Edua, 2013.

ANEXOS

ANEXO I

Termo de sessão de direitos de uso de áudio/vídeo de vistas



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

(Cidade) Parintins 27 de (mês) abril de 2018

Termo de sessão de direitos de uso de áudio/vídeo de entrevistas

Eu, Marie Omildes Paixão, (estado civil) solteira, (RG/CPF) 0489165-1 SSP/AM, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em (áudio/vídeo) áudio no dia 27/04/2018, pelo (acadêmico/professor) Marie do Saúde de Souza Paiva do Colegiado de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. O supracitado(s) pesquisador(es) poderá(ão) usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Também autorizo ao **Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA/UEA)** a ter a guarda da mesma. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo o presente termo de sessão de direitos.

Marie Omildes Paixão

ANEXO II

Termo de sessão de direitos de uso de áudio/vídeo de vistas



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

(Cidade) Parintins (AM), 29 de (mês) abril de 2018.

Termo de sessão de direitos de uso de áudio/vídeo de entrevistas

Eu, Albelina da Silva Tavares, (estado civil) casada, (RG/CPF) 757.437, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em (áudio/vídeo) áudio no dia 29/04/2018, pelo (acadêmico/professor) Maria da Gláucia de Souza Paiva do Colegiado de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. O supracitado(s) pesquisador(es) poderá(ão) usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Também autorizo ao **Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA/UEA)** a ter a guarda da mesma. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo o presente termo de sessão de direitos.

Albelina da Silva Tavares

ANEXO III

Termo de sessão de direitos de uso de áudio/vídeo de vistas



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

(Cidade) Parintins (AM), 29 de (mês) abril de 2018.

Termo de sessão de direitos de uso de áudio/vídeo de entrevistas

Eu, Valdemir Simas da Silva, (estado civil) solteiro, (RG/CPF) 1225253-0 SSP/AM, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em (áudio/vídeo) áudio no dia 29/04/2018 pelo (acadêmico/professor) Maris da Saúde de Souza Paiva do Colegiado de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. O supracitado(s) pesquisador(es) poderá(ão) usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Também autorizo ao **Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA/UEA)** a ter a guarda da mesma. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo o presente termo de sessão de direitos.

x Valdemir Simas da Silva

ANEXO IV

AGENTES HISTÓRICOS COLABORADORES DA PESQUISA



MARIA ONILDES, 80 ANOS



VALDENÍCIO SIMAS, 52 ANOS



ALZELINA DA SILVA, 68 ANOS

PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NA BENZEÇÃO



Arruda – *Ruta graveolens* e *Rutahortenses*



Vassourinha – *Scoparia dulcis*